

Liderança e preconceito

Franklin Rumjanek

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro

franklin@bioqmed.ufrj.br



De que maneira a liderança se expressa nos animais? Entenda-se aí, a liderança que está intimamente associada à reprodução. Em alguns casos, como nos insetos sociais (abelhas, formigas, cupins, vespas etc.), a sociedade é dividida entre as rainhas que se reproduzem e as demais castas que têm papéis bem definidos na defesa e na produção de alimentos para a comunidade. Essas sociedades mantêm-se organizadas em função de vários estímulos químicos que, em última análise, condicionam o comportamento dos indivíduos que as compõem.

Nas sociedades de outras espécies, a liderança é determinada pelo comportamento bem diferenciado de alguns machos, que por meio de lutas, ritualizadas ou não, conquistam o direito de se acasalar com as fêmeas do grupo. Nesses casos, a característica que mais sobressai é a agressividade, interpretada como um sinal de que o macho agressivo é aquele que conta com o melhor conjunto de genes, o que aumenta a probabilidade de que o líder contribua para gerar uma prole viável.

A liderança pode se manifestar também por outras qualidades que refletem saúde e vigor, tais como plumagens exuberantes, danças, capacidade de construir ninhos, eficiência na obtenção de alimentos e assim por diante. Em suma, a primazia societária resulta de propriedades, em sua maioria físicas, que de maneira geral distinguem certos indivíduos.

E entre os humanos? Uma observação menos cuidadosa sugeriria que, seguindo os exemplos dos primatas, nossa liderança seria estabelecida de modo similar, isto é, os machos recorreriam à agressividade como forma de competir pelas fêmeas ou de obter privilégios como, por exemplo, receber as melhores e maiores porções dos alimentos. Mas as coisas não são tão simples assim. Os humanos dispõem de acentuado intelecto, que introduz certas sutilezas, principalmente no que diz respeito às sociedades.

Embora não se possa afirmar que a política é uma invenção humana – alguns cientistas, principalmente primatólogos, acham que entre os macacos existe algo muito semelhante à política, envolvendo alianças e outros conchavos característicos – não há dúvida de que, entre nós, a liderança nem sempre recorre à força bruta. Um estudo recente entre humanos

chamou a atenção para um detalhe que vai contra a crença muito difundida de que a liderança pode estar diretamente relacionada à agressividade. Esse trabalho foi publicado na revista *Nature* (463: 356-9, 2010) e envolveu um grupo de mulheres cujo comportamento no nível de negociação foi medido por meio de um jogo, cujo objetivo era medir a agressividade.

O jogo essencialmente exigia que fossem distribuídas unidades monetárias seguindo certas regras preestabelecidas. Parte das mulheres recebeu uma dose de testosterona e a outra, um placebo. Surpreendentemente, as mulheres que receberam a testosterona foram muito mais justas na negociação do que as que acreditavam ter recebido o hormônio. Em contraste, as ‘mulheres-placebo’ claramente se comportaram de acordo com o preconceito que existe em relação à testosterona e a agressividade. Elas agiram como se a agressividade fosse algo esperado em função do hormônio recebido.

Os pesquisadores (Eisenegger et al.) concluíram que a verdadeira liderança, no caso das ‘mulheres-testosterona’, refletiu uma preocupação maior com o aumento da eficiência nas interações sociais. Ou seja, as ‘mulheres-líder’ reagiram no sentido de preservar a coesão e a satisfação da população. Esse comportamento pode ser considerado como altruísta, isto é, o sacrifício de interesses pessoais em nome do bem-estar comunitário.

À primeira vista, o comportamento altruísta seria antievolutivo, porque burlaria a competição supostamente embutida na teoria da seleção natural de Darwin. Por outro lado, como a seleção natural premia essencialmente as populações, o comportamento altruísta se encaixa perfeitamente na hipótese. Em suma, é possível que um hormônio tradicionalmente associado à guerra seja na verdade um importante acessório do velho aforismo “É conversando que a gente se entende”.

Os pesquisadores
concluíram
que a verdadeira
liderança, no caso das
‘mulheres-testosterona’,
refletiu uma preocupação
maior com o aumento
da eficiência
nas interações sociais